

DESAFIOS DA MATERNIDADE NA CARREIRA CIENTÍFICA

Veran, Leticia Damasio¹; Rech, Livia Souza², Impanta, Nena António³, Mason, Ana Paula Uliana⁴, Pozzebon, Eliane⁵

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina/E-mail: leticiaveran06@gmail.com

² Universidade do Sul de Santa Catarina/E-mail: rechsouza@gmail.com

³ Universidade do Sul de Santa Catarina/E-mail: nenas27impanta1997@gmail.com

⁴ Universidade do Sul de Santa Catarina/E-mail: paulamason1978@gmail.com

⁵ Universidade do Sul de Santa Catarina/E-mail: eliane.pozzebon@ufsc.br

Resumo: Este artigo analisa os impactos das estruturas sociais e institucionais sobre a experiência da maternidade na carreira científica de mulheres, evidenciando os desafios enfrentados por cientistas que são mães no Brasil e no mundo. A partir de uma revisão bibliográfica, a pesquisa mostra que não é a maternidade em si que compromete a trajetória acadêmica, mas a forma como ela é percebida e tratada em nossa sociedade. Sobrecarga doméstica, desigualdade salarial, falta de reconhecimento institucional e ausência de políticas de apoio configuram um cenário que limita o acesso a oportunidades, afeta a produtividade e compromete o bem-estar dessas pesquisadoras. O texto também destaca iniciativas que buscam transformar essa realidade, como ações promovidas pelo CNPq, FAPs e pelo movimento Parent in Science, voltadas a mitigar os efeitos negativos da desigualdade de gênero no meio acadêmico. Conclui-se que, embora haja avanços, ainda são necessárias políticas públicas e institucionais mais eficazes para promover equidade de gênero e valorizar a presença e a contribuição das mães na ciência.

Palavras-Chave: Maternidade; Carreira científica; Desigualdade de gênero.

1 INTRODUÇÃO

Embora o número de homens e mulheres na ciência brasileira seja relativamente equilibrado, os caminhos profissionais e acadêmicos percorridos por eles ainda são marcadamente desiguais. Essa disparidade está enraizada em um sistema que historicamente favorece os homens, mantendo-os em posições de maior prestígio e decisão, o que perpetua uma lógica hierárquica e excludente, com forte viés machista no meio científico (Staniscuaski, 2021). Nesse contexto, a desigualdade de gênero configura-se como um dos principais obstáculos enfrentados pelas mulheres ao longo de suas trajetórias.

Um dos aspectos mais discutidos nesse cenário é a forma como a maternidade é encarada nas instituições científicas. Longe de ser um impedimento em si, ela passa a representar uma barreira quando não há suporte adequado, refletindo a sobrecarga de responsabilidades domésticas, a disparidade salarial, os riscos de demissão após a licença-maternidade, entre outros fatores estruturais que impactam negativamente a vida profissional das pesquisadoras (Billig, 2022).

A ausência de políticas institucionais efetivas, aliada à escassez de redes de apoio, também contribui para o comprometimento da saúde mental e do bem-estar das cientistas que são mães, agravando ainda mais o cenário de exclusão (Alves, 2023). Diante dessa realidade, este artigo propõe uma revisão bibliográfica, com base em uma busca

sistemática de artigos e publicações, com o objetivo de compreender como a maternidade, em sua intersecção com as estruturas sociais e institucionais, afeta a trajetória de mulheres na ciência. Busca-se, assim, destacar os principais desafios enfrentados pelas mães cientistas e apresentar iniciativas que têm sido desenvolvidas para promover maior equidade de gênero no meio acadêmico.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão bibliográfica exploratória sobre os desafios da maternidade na carreira científica. Para a seleção dos materiais analisados, foram consultadas as bases de dados *Google Scholar*, *Scopus*, *Web of Science* e *SciELO*, considerando sua relevância para a literatura acadêmica.

A busca por artigos foi realizada utilizando termos-chave em inglês, a fim de abranger uma gama mais ampla de publicações internacionais. Os principais termos empregados foram: "*motherhood in academia*", "*gender equity in STEM*", "*work-life balance scientists*" e "*maternal bias science careers*". Esses descritores foram escolhidos por refletirem aspectos centrais da problemática investigada, como os impactos da maternidade na trajetória acadêmica, desigualdade de gênero em carreiras científicas e desafios do equilíbrio entre vida profissional e pessoal.

O processo de seleção dos estudos não seguiu um protocolo sistemático, mas foi guiado pela leitura e análise dos títulos, resumos e conteúdos completos, priorizando artigos que abordassem diretamente os desafios enfrentados por mães cientistas. Trabalhos que não possuíam relação direta com o tema foram descartados.

Após a seleção, os artigos foram analisados qualitativamente para identificar padrões, desafios recorrentes e possíveis estratégias para mitigar os impactos da maternidade na progressão da carreira científica.

3 DESIGUALDADES E IMPACTOS DA MATERNIDADE NA CARREIRA CIENTÍFICA

Mulheres que exercem simultaneamente a maternidade e a carreira científica enfrentam desafios significativos, marcados por barreiras estruturais e culturais que mantêm a desigualdade de gênero no meio acadêmico. Tais obstáculos não apenas dificultam a ascensão profissional, como também comprometem a produtividade e o bem-estar dessas pesquisadoras.

A ausência de políticas institucionais eficazes, como licenças parentais remuneradas, flexibilização da carga horária e estrutura de apoio adequada, dificulta a

conciliação entre as demandas familiares e as exigências da vida acadêmica. A falta de creches acessíveis e o pouco reconhecimento das necessidades específicas de mães cientistas intensificam a sobrecarga e limitam sua plena participação na comunidade científica.

No plano cultural, ainda predominam estereótipos de gênero que associam, de maneira equivocada, a maternidade à falta de dedicação ou à baixa competência profissional. Esse tipo de preconceito resulta, muitas vezes, em discriminação durante processos seletivos, avaliações de desempenho e na concessão de bolsas e financiamentos. Além disso, a valorização de trajetórias masculinas como modelo de sucesso científico reforça a falsa ideia de que a maternidade é incompatível com uma carreira de destaque na ciência, o que desestimula a permanência e o avanço de mulheres nesse campo (Aita Ivo; Foggiato Ferreira, 2019).

Estudos demonstram que, após o nascimento dos filhos, muitas pesquisadoras enfrentam uma redução significativa em sua produtividade científica, evidenciada pela diminuição no número de publicações. Essa queda não se restringe ao período de licença-maternidade, podendo se estender por pelo menos quatro anos após o nascimento do primeiro filho (Staniscuaski *et al.*, 2020). Essa realidade tem sido constatada em diferentes áreas do conhecimento, incluindo as ciências da saúde, e está diretamente relacionada à sobrecarga de responsabilidades e à falta de suporte institucional, e não à capacidade ou competência das pesquisadoras.

As condições estruturais e culturais nas esferas profissional e acadêmica ainda colocam as mulheres em desvantagem significativa quando se tornam mães. De acordo com uma pesquisa realizada pela coalizão *Mothers in Science*, mulheres são três vezes mais propensas que os homens a perderem oportunidades profissionais após a maternidade. Mais de 60% das mulheres que estudam ou trabalham na ciência afirmaram que sua carreira foi negativamente impactada por esse fator, o que evidencia que o problema não está na maternidade em si, mas na forma como ela é tratada socialmente e institucionalmente.

Um levantamento publicado pela revista *Frontiers in Psychology*, em 2021, reforça essa disparidade. Os dados mostram que, em 2020, apenas 47% das cientistas que são mães conseguiram publicar artigos acadêmicos, enquanto entre os pesquisadores homens com filhos, esse número foi de 76% (Staniscuaski, 2021). Esse dado é especialmente relevante, já que a produção científica é um dos principais critérios para progressão na carreira acadêmica, além de ser fundamental para a participação em conferências, editais e reconhecimento institucional.

Outro aspecto crítico diz respeito à saúde mental dessas mulheres. A falta de políticas de apoio e acolhimento às mães no meio científico pode agravar quadros emocionais e psicológicos. Uma pesquisa realizada em 2023 pelo Laboratório de Neurofisiologia do Comportamento da Universidade Federal Fluminense (UFF) revelou que mães cientistas têm o dobro de probabilidade de desenvolver depressão em comparação aos pais acadêmicos. Segundo o estudo, 42% das mulheres relataram sintomas depressivos, contra 22% dos homens.

Esses dados se conectam à persistente desigualdade na divisão do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), as mulheres brasileiras dedicam, em média, 9,6 horas a mais por semana às tarefas domésticas e aos cuidados com os filhos do que os homens.

Embora esse número tenha reduzido em relação a 2019, quando a diferença era de 10,6 horas, ele ainda evidencia uma sobrecarga significativa, que impacta diretamente a vida profissional e acadêmica das mulheres.

Segundo dados da Unesco, as mulheres representam apenas 30% dos pesquisadores no mundo, o que reflete uma disparidade histórica e persistente. A forma como o sistema acadêmico lida com a maternidade, muitas vezes sem considerar as especificidades dessa vivência, resulta em desvantagens concretas, como a interrupção da produção científica durante o período de licença e a consequente defasagem na avaliação em editais e processos seletivos.

4 INICIATIVAS DE ENFRENTAMENTO ÀS DESIGUALDADES

Apesar do crescimento da participação feminina nas ciências nas últimas décadas, a forma desigual como a maternidade é tratada social e institucionalmente ainda representa uma barreira significativa para muitas pesquisadoras. Mesmo que homens também sejam pais, os impactos da parentalidade recaem majoritariamente sobre as mulheres. Para reduzir esses desequilíbrios, têm surgido políticas públicas e iniciativas que visam promover maior equidade e garantir a permanência e valorização de mães cientistas.

Algumas instituições acadêmicas e agências de fomento vêm desenvolvendo iniciativas para reduzir os impactos negativos causados pela forma como a maternidade é tratada nos processos avaliativos. Desde 2019, universidades públicas do Rio Grande do Sul passaram a ajustar seus critérios de avaliação e a destinar cotas específicas em editais de fomento para pesquisadoras que são mães, como forma de promover maior equidade (Aita Ivo; Foggiato Ferreira, 2019).

Uma dessas ações foi implementada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que, em abril de 2021, passou a permitir o registro dos períodos de licença-maternidade no Currículo Lattes, atendendo a uma antiga demanda da comunidade científica (CNPq anuncia inclusão [...], 2021). Essa medida é importante por reconhecer os impactos desse afastamento e tornar a avaliação de produtividade científica mais justa.

Outra iniciativa de destaque é o movimento Parent in Science, criado em 2016 com o objetivo de discutir a parentalidade no ambiente acadêmico e seus impactos sobre a carreira científica de mulheres e homens no Brasil. Em 2021, o movimento foi reconhecido internacionalmente com o prêmio “Mulheres Inspiradoras na Ciência”, concedido pela revista Nature (Parent in Science, 2023). Entre suas ações, destaca-se o Programa Amanhã, que oferece mentoria e apoio financeiro a mães estudantes de pós-graduação, contribuindo para sua permanência nos cursos e na carreira acadêmica (Parent in Science, 2025).

Algumas fundações de amparo à pesquisa também têm adotado práticas mais inclusivas. A Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema), desde 2019, passou a considerar um acréscimo de um ano na avaliação de currículos de pesquisadoras que registrarem licença-maternidade no Currículo Lattes (Marques, 2022). De forma semelhante, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), em sua chamada pública de 2023, estendeu o período de avaliação da produção científica de mulheres que estiveram em licença nos cinco anos anteriores (Marques; Fagundes, 2023).

Em 2024, a Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), em parceria com o Parent in Science e o Instituto Serrapilheira, lançou um edital de apoio a mães cientistas vinculadas a Instituições de Ciência e Tecnologia (ICTs) do estado, contemplando inclusive mães de pessoas com deficiência, independentemente da idade dos filhos (Mães pesquisadoras [...], 2024).

No âmbito universitário, a Universidade Federal Fluminense (UFF) também adotou medidas de reconhecimento. Desde 2019, aplica um bônus de cinco pontos na avaliação de currículos para docentes que estiveram em licença-maternidade nos processos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), reconhecendo os impactos desse afastamento na trajetória profissional (Mulheres, mães e pesquisadoras, [...], 2019).

Mais recentemente, em 2024, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) implementou uma medida importante: a ampliação obrigatória do período de avaliação da produtividade científica em dois anos para cada

gestação ou adoção ocorrida dentro do intervalo estipulado nos editais. Essa ação busca atenuar os efeitos das responsabilidades parentais nas comparações entre propostas submetidas, promovendo maior justiça e inclusão nos processos de seleção (CNPq, 2024).

Além dessas ações específicas, há políticas públicas mais amplas de apoio à maternidade no Brasil, como a licença garantida pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que prevê 120 dias de afastamento remunerado para a gestante (Brasil, 1943). No entanto, comparando-se com países como a Suécia, observa-se que o Brasil ainda possui limitações quanto à equidade de gênero nas responsabilidades parentais. Segundo Savage (2024), desde 1974 a Suécia oferece 180 dias de licença para qualquer dos genitores, com 80% do salário, totalizando atualmente 480 dias (16 meses) divididos entre mãe e pai. Políticas como essa ajudam a distribuir de maneira mais justa as responsabilidades parentais, reduzindo os impactos assimétricos sobre as mulheres e promovendo maior igualdade de oportunidades na ciência.

6 CONCLUSÃO

A análise realizada evidencia que a maternidade representa um dos principais obstáculos à permanência e à progressão das mulheres na carreira científica. Mesmo com avanços significativos em políticas públicas e iniciativas institucionais, os desafios persistem, especialmente devido à sobrecarga de responsabilidades domésticas, desigualdade nas oportunidades profissionais e impacto direto na produtividade acadêmica. Ainda que medidas como ajustes na avaliação curricular, apoio financeiro e reconhecimento dos períodos de licença-maternidade tenham sido implementadas por órgãos de fomento e universidades, é fundamental ampliar e fortalecer essas ações para garantir equidade de gênero no meio científico.

Assim, assegurar condições mais justas para mães cientistas é um passo necessário para transformar a estrutura acadêmica e promover uma ciência verdadeiramente inclusiva.

AGRADECIMENTOS: Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio financeiro por meio da concessão da bolsa, que foi fundamental para a realização deste trabalho. O incentivo à pesquisa e à formação acadêmica proporcionado pelo CNPq representa um importante investimento no desenvolvimento científico e tecnológico do país, permitindo que estudantes e pesquisadores possam se dedicar com qualidade e comprometimento às suas atividades.

REFERÊNCIAS

AITA Ivo, Andressa; FOGGIATO FERREIRA, Caroline. **Maternidade e produção científica**: análise dos editais de fomento à pesquisa nas universidades públicas do Rio Grande do Sul. *Diversidade e Educação*, v. 7, n. especial, p. 165–182, 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/9428>. Acesso em: 3 abr. 2025.

ALVES, Sarah Rocha. **O impacto da maternidade na saúde mental da comunidade acadêmica**: identificando vulnerabilidades. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2025. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/32408>. Acesso em: 3 abr. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS. CNPq torna obrigatória extensão de 2 anos por gestação em editais de bolsas de produtividade no país. 8 jan. 2024. Disponível em: <https://www.abruc.org.br/cnpq-torna-obrigatoria-extensao-de-2-anos-por-gestacao-em-editais-de-bolsas-de-produtividade-no-pais/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BILLIG, Pâmela Mello Carpes *et al.* **Parentalidade e carreira científica**: o impacto não é o mesmo para todos. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, e200018, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/c7TkCBBBsYtF7nhnsDmZ83n/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Rio de Janeiro: Presidência da República, [1943]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 5 abr. 2025.

CNPQ. CNPq anuncia inclusão do campo licença-maternidade no Currículo Lattes. [S. l.], 7 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/cnpq-anuncia-inclusao-do-campo-licenca-maternidade-no-curriculo-lattes>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MARQUES, Laércio. Editais da FAPEMA concedem benefício para mães pesquisadoras. [S. l.], 11 mar. 2022. Disponível em: <https://www.fapema.br/editaisda-fapema-concedem-beneficio-para-maes-pesquisadoras/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MÃES pesquisadoras vão receber até R\$ 120 mil para continuar vida acadêmica no pós-maternidade. [S. l.], 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.faperj.br/?id=538.7.2>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MULHERES, mães e pesquisadoras: edital científico da UFF pontua docentes que tiraram licença-maternidade. [S. l.]: **Notícias institucionais**, 26 fev. 2019. Disponível em: <https://www.uff.br/26-02-2019/mulheres-maes-e-pesquisadoras-edital-cientifico-da-uff-pontua-docentes-que-tiraram-licenca-maternidade/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

NERY, Carmen; BRITTO, Vinicius. Em 2022, mulheres dedicaram 9,6 horas por semana a mais do que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas. **Agência IBGE Notícias**, 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37621-em-2022-mulheres-dedicaram-9-6-horas-por-semana-a-mais-do-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 3 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (Brasil). **Notas da OIT sobre trabalho e família**: proteção da maternidade. [S. l.], p. 1-4, 1 dez. 2011. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/@americas/@rolima/@ilo-brasilia/documents/publication/wcms_229653.pdf. Acesso em: 5 abr. 2025.

PARENT IN SCIENCE. Amanhã – Edição 2023. [S. l.], 7 out. 2023. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/amanha>. Acesso em: 4 abr. 2025.

PARENT IN SCIENCE. **Sobre o Parent In Science:** maternidade e ciência. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>. Acesso em: 4 abr. 2025.

PROTETTI, Fernanda H.; SOUZA, Aline N. de. **Na universidade brasileira, maternidade rima com produtividade científica?** Revista Brasileira de Pós-Graduação, v. 18, n. especial, p. 1–16, 2023. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/1892>. Acesso em: 3 abr. 2025.

RODRIGUES, Júlia; FAGUNDES, Vanessa. **Novo critério de avaliação da FAPEMIG contempla pesquisadoras que se tornaram mães.** [S. l.], 10 fev. 2023. Disponível em: <http://www.fapemig.br/pt/noticias/902/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

SAVAGE, Maddy. **O país onde o tabu é não tirar licença-paternidade.** In: BBC Lê. [S. l.], 10 fev. 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2j9v79l3eo>. Acesso em: 5 abr. 2025.

STANISCUASKI, Fernanda *et al.* **Gender, race and parenthood impact academic productivity during the COVID-19 pandemic:** from survey to action. *Frontiers in Psychology*, v. 12, 2021. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2021.663252/full>. Acesso em: 2 abr. 2025.

STANISCUASKI, Fernanda *et al.* **Parentalidade e carreira científica:** o impacto não é o mesmo para todos. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, e200018, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/c7TkCBBBsYtF7nhnsDmZ83n/>. Acesso em: 3 abr. 2025.